



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

POÉTICAS DO LUTO, POÉTICAS DE LUTA: PRÁTICAS ESTÉTICO-POLÍTICAS DE REXISTÊNCIA

Nina Caetano

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, caetano.nina@gmail.com

O presente texto trata de algumas práticas feministas que desenvolvo, notadamente as performances de rua *Espaço do Silêncio* e *Chorar os Filhos*, pensando-as como práticas “estético-políticas de *reexistência*”, ou seja, como ações em que se entrelaçam às dimensões artísticas, não somente questões de ordem ética, mas também aquelas relacionadas à nossa presença no mundo e as possibilidades de nele inventar *políticas de reexistência*. Na primeira das performances, trato do feminicídio e, na segunda, trato da perda materna e da busca por justiça de mães que tiveram seus filhos e filhas assassinados em operações policiais, e que não tiveram resposta do Estado quanto ao extermínio de seus entes queridos ou à punição dos criminosos. Os objetos resultantes de ambas as ações – na primeira, lençóis de casal contendo 365 cruzeiros vermelhos e espécies de lápides e, na segunda, uma mortalha de pano branco costurada com linha vermelha e “bordada” com frases e depoimentos das mães – são mote para conversas posteriores, em que podem emergir questões como ativismo, políticas e poéticas da cena contemporânea, performances cidadãs e os desdobramentos atuais do feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo, ativismo, performatividade de gênero, performance.

Nem uma a menos

Queria ter coisas doces para escrever
Mas preciso me decidir e me decido pela raiva
Hoje 5 mulheres foram assassinadas
E numa hora pelo menos 20 foram violadas
Isto, somente em um dia na Guatemala
Multiplica-o e saberá porque estamos enojadas
Não vou pisar em ovos com quem não entende
Que isso é uma emergência e que estamos preparadas
Não sou pacifista: não me exijam coisas que não ofereço
Não pedi um pedestal nem o mereço
Sou como as outras: farta de andar com medo
Agressiva porque é a forma com que me defendo
Não tenho privilégios que proteja este corpo
Na rua pensam que sou um “alvo” perfeito
Mas sou negra como minha bandeira e valente
Canto em meu nome e de todas as minhas avós
Esta é pela curandeira que morreu de tantos golpes
Porque o homem que a amava realmente a odiava
Pela outra que foi abandonada com um filho
E quando ficou doente tiveram que mandá-la pro hospício
Esta é para mim porque com 15 anos
Levei na cara um golpe de sua mão

Porque nenhum “mano” se fez presente
No dia em que um delinquente me feriu o peito
Esta vai pra menina de 9 anos
Condenada a uma gravidez porque foi estuprada pelo irmão
Uma menina sem direitos porque o clero
Considera o aborto pior do que o que lhe fizeram
Me prendo aos fatos
Não vou explicá-los com desenhos a nenhum desses machos
Que creem que com sua intelectualidade nos vão educar
Sentados em seus privilégios
(...) Conte direito: somos milhares pelas ruas
do México até o Chile e no planeta inteiro
Estamos em pé de guerra porque vivas nos queremos
não temos medo, não queremos nenhuma a menos
Podem me chamar de louca, histórica e exagerada
mas hoje canto em meu nome e de todas as minhas irmãs
Não nos acusem de violentas, isso é autodefesa
Estamos na resistência e já não somos indefesas
(Rebeca Lane – Ni una a menos)

Sempre que vou me apresentar, nas
inúmeras conversas que tenho feito em vários



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

âmbitos da vida, início por dizer que sou feminista. E antes de dizer o quanto é importante esta afirmação, reforço que feminismo, para mim, é antes de tudo, uma prática. Ou um conjunto de práticas que tem como orientação básica a ideia radical de que *mulheres são gente*. Para muitas pessoas isso pode soar como uma obviedade, mas não é. Pensar mulheres como gente é trata-las em sua condição de sujeitos donos de vontade e capacidade de decisão sobre si. É pensa-las como seres humanos, com direitos básicos tais como o direito à vida. Se alguém, por exemplo, considera que uma mulher mereceu morrer porque traiu um homem, pensamento bastante comum na sociedade brasileira, o que está se negando é justamente a dimensão *humana* da mulher: não somente em suas falhas, mas, sobretudo, em sua potência de vida.

Dito isso, penso ser importante a afirmação de que sou feminista porque ela norteia diversas coisas: a posição de onde falarei, o modo como pretendo fazer a conversa, as questões que orientam minhas práticas etc. E tenho feito conversas na universidade, em escolas, em festas, nas ruas e na TV. Seja como professora, ativista, performer ou DJ, a questão que me atravessa é minha existência como mulher no mundo. E ser mulher no mundo é conviver com variados riscos e distinções em relação ao ser homem,

entre eles o risco constante de violência sexual e a subalternização/desvalorização de nosso trabalho.

Então quero, nesta conversa que se inicia agora e que se dará a partir desta questão principal, pensar algumas das ações que realizo e como elas podem ajudar a construir possibilidades de *reexistência* de nós mulheres, desses “corpos que não importam” (BUTLER, 2000: 151). Para comprovar o desprezo por nossa existência, basta ver as estatísticas: atualmente, uma mulher é assassinada a cada duas horas no Brasil (cerca de 12 feminicídios todos os dias, num total de 4.473, só em 2017). Em sua quase esmagadora totalidade, os feminicídios são cometidos por homens contra mulheres que, em sua maioria, são negras¹.

Dentre essas mulheres, Júlia, uma senhora de 80 anos, oriunda da cidade de minha mãe, no interior de Minas, que foi morta pelo marido de 86 anos a tiros. E Débora Souza, 20 anos, morta a facadas, em frente à casa em que eu morava em Ouro Preto/MG, após reagir a um assédio sexual. E Fernanda, Maria do Carmo, Catarina, Ana Paula, Luzia, Rosilda, Jandayara, Maria da Conceição, cujos nomes me foram dados por amigas ou parentes, para figurar no lençol de

¹ Dados do Mapa da Violência 2017, disponível pela agência Patrícia Galvão, em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

casal em que, ao longo de quase 7 horas, eu disponho 365 “lápides” para mulheres assassinadas, durante a realização da performance de rua *Espaço do Silêncio*. Nesse trabalho, busco escutar a voz de mulheres que não foram ouvidas em tempo de evitar seu aniquilamento. Das 365 mulheres que habitam cada lençol que “bordo” em minha ação, muitas denunciaram as violências que sofriam. Muitas recorreram à justiça, buscando proteção. Outras se calaram antes, ou foram silenciadas. Suas vozes, desinvestidas de valor e de poder.

Parafraseando a ativista feminista estadunidense Barbara Kruger, que dizia em seu famoso cartaz pró-aborto: “Seu corpo é um campo de batalha”, posso dizer, a partir de minha experiência como mulher e artista, que é de dentro do campo de batalha – MEU CORPO – que sai, como gesto estético, o grito de indignação que é *Espaço do Silêncio*. O grito de quem sente na carne as violências decorrentes de uma performance de gênero imposta socialmente. E que, quando não o sente diretamente, se propõe a ser veículo para a voz de outras tantas mulheres, silenciadas por uma estrutura machista, cruel: seja na forma de neutralização de nossa voz política, seja na naturalização e romantização de relações que violam ou aniquilam os nossos corpos. Mas, antes de discutir as ações que realizo, peço licença às minhas leitoras-

interlocutoras para, entretecendo “o pessoal e o político”², mas também questões de ordem estética, fazer um rápido preâmbulo.

Em 2008, por meio do obsCENA³, entrei em contato com a Marcha Mundial das Mulheres e com o movimento feminista, na pessoa de Hozana Passos. Na ocasião, a ativista aplicou uma oficina para o coletivo e nos convidou – às mulheres – para integrarmos, com nossas ações artísticas, a construção da marcha daquele ano.

Foi meu primeiro contato com o feminismo como movimento organizado, embora eu fosse “feminista desde criancinha”, como também afirma Lola, escritora de um blog feminista⁴. Ela, como muitas de nós, percebe desde cedo os cerceamentos que, em nossa sociedade patriarcal, a condição de “ser mulher” nos coloca e a necessidade de trazer a prática feminista para o cotidiano da mulher comum, a partir de sua percepção diária. Ao pensar o pessoal como político, o feminismo, segundo Carole Pateman:

² A expressão “o pessoal é político” foi cunhada pela ativista estadunidense Carol Hanish, em texto de título homônimo (1969), no qual traz para a arena política questões antes vistas como privadas, porque relacionadas ao âmbito do “feminino”, tais como os direitos reprodutivos ou a divisão sexual do trabalho, bem como os modos organizacionais dos grupos de mulheres.

³ obsCENA – agrupamento independente de pesquisa cênica que integro desde 2007. Atualmente, é composto pelos artistas-pesquisadores Lissandra Guimarães, Clóvis Domingos, Erica Vilhena, Matheus Silva e Frederico Caiafa, além de mim.

⁴ <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

(...) chamou a atenção das mulheres sobre a maneira como somos levadas a contemplar a vida social em termos pessoais, como se tratasse de uma questão de capacidade ou de sorte individual [...] As feministas fizeram finca-pé em mostrar como as circunstâncias pessoais estão estruturadas por fatores públicos, por leis sobre a violação e o aborto, pelo status de “esposa”, por políticas relativas ao cuidado das crianças (...) e pela divisão sexual do trabalho no lar e fora dele. Portanto, os problemas “pessoais” só podem ser resolvidos através dos meios e das ações políticas (PATEMAN apud COSTA, 2005: 11).

Eu, quando criança, questionava, entre outras coisas, as diferenças de tratamento entre mim e meus irmãos, em função do machismo de meu pai: ensiná-los a dirigir (mas não a mim e a minha irmã), me castigar fisicamente por “brincar de médico” com o meu primo (que nada sofreu), bem como o controle sobre o meu corpo na adolescência (proibição do uso de maquiagem e de certas roupas, restrição da sexualidade etc.). Além disso, havia a violência doméstica: me lembro, ainda muito pequena, de ouvir meu pai espancar minha mãe, “sem que ninguém metesse a colher”, como assinala o trecho que finaliza o texto-manifesto utilizado por mim em *Espaço do Silêncio*⁵.

⁵ Todos os dias, nas ruas das cidades, mulheres são destruídas. Destruir. Dar cabo de. Aniquilar. Exterminar. A cada 90 minutos, uma mulher é assassinada no Brasil. 70% das mulheres mortas no país são vítimas de seus (ex) namorados, noivos, maridos. 10% desses homens são agentes da segurança pública. Amar e proteger. Conceição de Maria, 43 anos. Morta a socos pelo marido, policial militar reformado. Osailda, 45 anos, morta por envenenamento. O marido segue em

Embora questões de gênero já aparecessem nas experimentações que realizávamos desde a gênese do obsCENA, foi desde o encontro com Hozana Passos que o entrelaçamento entre arte e ativismo que perpassa minhas pesquisas e meu agir no mundo se intensificou, alimentando e dando forma a inquietações que eu já carregava, trazendo “desconforto fresco para um problema antigo”, na feliz expressão utilizada pela performer e pesquisadora Eleonora Fabião, ao tratar do trabalho do artista William Pope.L (POPE.L citado por FABIÃO, 2013: 03).

Em 2008, junto à atriz Lissandra Guimarães – também integrante do obsCENA – comecei a experimentar ações no ambiente urbano, em que eu investigava uma escrita performada, ou seja, “a escrita produzida no fluxo da ação performativa e em relação com

liberdade, assim como o assassino de Débora Souza, 20 anos, atendente do Maria Bonita de Ouro Preto/MG. Em Curitiba, Patrícia, 31 anos, foi estuprada e morta com 01 tiro na nuca pelo namorado, sem que ela pudesse reagir. Eliza, 25 anos, esquetejada e jogada pros cachorros a mando do ex-amante e pai de seu filho, famoso jogador de futebol. Claudete, 59 anos, morta e esquetejada pelo marido. Caroline, 16 anos, morta com 01 tiro na nuca na frente da família pelo ex-companheiro. Sem que ninguém reagisse, Eloá, 15 anos, foi morta com 01 tiro na cabeça pelo ex-namorado, em frente às câmeras e cercada por forte aparato policial. Em Corinto, cidade em que minha mãe foi sistematicamente espancada pelo meu pai sem que ninguém metesse a colher, Júlia, uma senhora de 80 anos, foi morta pelo marido. No Sul, Natália, 16 anos, grávida de 3 meses, foi morta pelo namorado com pelo menos 80 facadas, sem que ela eu você. sem que ninguém reagisse.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

o espaço da cidade”⁶. Surgiu a intervenção urbana *Mulheres Mortas* e, em seguida, *Baby Dolls*, uma exposição de bonecas, que integrava ao trabalho desenvolvido por mim e por Lissandra, as pesquisas de Erica Vilhena e Joyce Malta.

Três tapetes. Três nichos de exposição. Três bonecas – monumentos animados das mulheres objetos – convidam os transeuntes a brincar. Mulheres princesas, mulheres noivas, mulheres dóceis. Mulheres mudas. Mas não se engane. Logo, essas bonecas serão mulheres mortas, marcadas a giz no chão (CAETANO, 2011: 167).

Em *Baby Dolls*, as performers compunham ações a partir de estereótipos do feminino – concretizados nas “bonecas” que cada uma performava - e eu experimentava a composição de escritas instantâneas a partir da colagem, muitas vezes irônica, de notícias de jornal, produções ficcionais, classificados de garotas de programa, anúncios de clínicas de estética e estatísticas de violência.

Baby Dolls percorreu vários festivais no Brasil entre 2009 e 2011, e com ela pudemos fortalecer não somente a pesquisa realizada pelo coletivo em torno de performances urbanas, mas também a nossa investigação em torno das relações entre performance/artivismo/feminismo, pois realizávamos, muitas vezes, oficinas exclusivamente para mulheres nos lugares

⁶ CAETANO, 2011: 168.

para onde íamos, como foi o caso do Festival Recife do Teatro Nacional (2009) e do Festival do Teatro Brasileiro: Cena Mineira (2011), no qual realizamos *workshops* com mulheres encarceradas, em Curitiba/PR e em Porto Alegre/RS. Esses *workshops* geraram não somente espaços de experimentação para nós, mas também campos relacionais para as mulheres participantes.

Em 2011, retornei à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), após concluir meu doutorado, e senti falta de aliar as investigações e pesquisas que eu vinha desenvolvendo junto ao obsCENA ao trabalho realizado na universidade. Fundei, então, o NINFEIAS - Núcleo de INvestigações FEminIstAS (2013) que tem, como eixo de pesquisa em rede colaborativa, a performance e o feminismo.

Com forte caráter extensionista, o núcleo – composto por estudantes da UFOP, em sua maioria das artes cênicas – tem realizado diversas ações, tais como mostras artísticas, oficinas⁷, cines-debates, atos públicos com pautas feministas urgentes (contra o estatuto do nascituro, denúncia de abusos sexuais ocorridos nas repúblicas estudantis, apoio à criação de delegacia das mulheres na região etc.) e rodas de conversa.

⁷ As oficinas abarcam desde aquelas de Igualdade de Gênero, realizadas em escolas da rede municipal, até *workshops* dirigidos exclusivamente para mulheres da comunidade, atendidas pelo CRAS – Centro de Referência da Assistência Social.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

As rodas são bastante produtivas e trazem temas diversos, dependendo do público com que estamos falando: estudantes da universidade, adolescentes da comunidade, professoras da rede pública ou grupos de apoio exclusivamente femininos. Também são várias as dinâmicas com as quais trabalhamos, desde jogos até exibição de filmes e o uso de questionários rápidos, para suscitar questões.

Cito como exemplo a série de rodas de conversa realizadas por mim⁸ em escolas da rede municipal de Ouro Preto e distritos, durante o evento *Queerlombos: afetos, encontros e [re]existências*⁹, nas quais, a partir tanto de sondagens sobre cultura do estupro quanto da exibição do documentário *Mask you Live in* (EUA, 2015) ou do curta *Maioria Oprimida* (Majorité Opprimée, FR, 2010), tratamos de temas como “a construção de masculinidades tóxicas”, “assédio e abuso na escola” e “práticas de silenciamento”, entre outros.

Com uma dinâmica de mão dupla, em que a palavra pode circular de maneira mais horizontal, foi possível o exercício não

somente da fala, mas também da escuta. Isso permitiu com que adolescentes do sexo masculino repensassem comportamentos sociais naturalizados por eles, ao serem confrontados, em sua visão, por questões colocadas pelas adolescentes presentes.

E é justamente o espaço de escuta que tem me interessado praticar nas ações feministas, pois “em todo dizer (e quero dizer, em todo discurso, em toda cadeia de sentido) há um escutar, e no próprio escutar, em seu fundo, uma escuta; o que quer dizer: é porventura necessário que o sentido não se restrinja a fazer sentido (ou de ser logos), mas que além disso ressoe” (NANCY, 2013: 163).

Ressonância! De modo que a fala ecoe e possa produzir ruído e estranhamento, mas também sentido, música e atravessamentos. De modo que ela ecoe dentro de nós para, muitas vezes, possibilitar a emersão de questões caladas nas dobras da carne. Como quando, em oficina realizada em 2016, no distrito de Antônio Pereira, abordamos junto às participantes – em sua grande maioria, adolescentes negras e pobres, entre 12 e 16 anos – temas como prazer, dor, cuidados pessoais e situações de abuso.

Foi importante perceber que foi justamente as dinâmicas trabalhadas na oficina que possibilitaram a elas expressar seus medos e suas dúvidas, que permitiram chegar a questões “espinhosas” para a

⁸ Embora, de fato, eu tenha sido responsável pela condução e dinâmica da roda, contribuíram para sua realização as NINFEIAS Caroline Moraes de Lima e Carolina Reis de Assis, além de Théo Mantelato.

⁹ O evento, produzido pelo NINFEIAS em parceria com a Coletiva da Diversidade de Ouro Preto, aconteceu de 17 a 25 de novembro de 2018, e abarcou várias atividades, desde oficinas e rodas de conversa a apresentações artísticas. As rodas mencionadas foram realizadas nas escolas Horácio de Andrade (bairro Alto da Cruz), Polivalente (bairro Bauxita) e Escola Estadual José Leandro (distrito de Santa Rita).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

comunidade, como o processo de exploração sexual de adolescentes do distrito.

Tratar de escuta é também pensar em processos históricos de silenciamento e na necessidade de construir discursos contra hegemônicos, que possam promover uma “multiplicidade de vozes”, quebrando com “o discurso autorizado e único que se pretende universal”, e desestabilizando a norma e a autorização discursiva, de modo a “romper com o silêncio instituído para quem foi [sempre] subalternizado”¹⁰.

Sei que quando Djamila Ribeiro discute o termo *lugar de fala*, ela pensa num recorte específico: ao tratar do silenciamento imposto ao povo negro, ela critica também o apagamento que, em certa medida, o feminismo branco tem insistentemente produzido em relação às relevantes contribuições teóricas de pensadoras negras. Mas, para a presente reflexão, quero aproximar o termo de modo a pensar os processos de subalternização enfrentados pela mulher – e aqui estou incluindo mulheres brancas e não brancas – na misógina sociedade patriarcal em que vivemos e também para pensar as práticas que buscam romper o silêncio, “e cujas premissas giram em torno de visibilizar as subjetividades das mulheres e suas questões, investidas na construção de poéticas cênicas e

engajamentos como forma de construção de um mundo melhor para ‘todxs’” (FISCHER, 2017, p.13).

Em 2013, dei início às primeiras experimentações em torno do que viria a ser *Espaço do Silêncio*, performance de rua inspirada em um dos 30 espaços-gestos que compõem *Ideia Situação*, proposta do artista visual luso-brasileiro Artur Barrio para a 11ª Documenta, importante exposição realizada em Kassel-Alemanha, em 2002¹¹. Embora *Espaço do Silêncio* tenha tido como motor de experimentação uma carta-manifesto dos índios guarani-kaiowá¹², rapidamente ela se configurou a partir de um mote que, em meu corpo, gritava urgência: o violento extermínio diário sofrido por mulheres no Brasil.

Configurando-se como um possível campo para a nítida colocação/tomada de posição de corpos políticos marcados pela diferença – o corpo do negro, da mulher, do transgênero, do gordo, do amputado e tantos, tantos outros corpos possíveis! – a performance vem afirmando sua vocação contestatória, possibilitando a construção de espaços de resistência, seja na constituição de um

¹⁰ RIBEIRO, 2017: 75-90.

¹¹ A proposta está disponível no dossiê *Artur Barrio: Textos, manifestos e um "texto mais recente"*, publicado pela revista *Visuais*, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UNICAMP: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/visuais/article/download/547/pdf>

¹² Em 2013, diante da ameaça dos ruralistas e da perda de seus territórios, cerca de 50 indígenas da etnia guarani-kaiowá lançaram uma carta pública, em que diziam que só sairiam de suas terras mortas. A carta, na ocasião, foi entendida por muitos como uma declaração de suicídio coletivo e grupos de apoio começaram a mobilizar manifestações em todo o país. Na mídia tradicional, no entanto, a repercussão era mínima.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

corpo coletivo ou na individuação das marcas de opressão no corpo, que performa seu discurso e inscreve seu gesto no espaço, ou melhor, inscreve com o corpo seu gesto político no espaço (CAETANO: 2015).

Da ação inicial, em que eu me sentava, hierática e vermelha, em uma cadeira rubra sobre um quadrado de pano branco, oferecendo à leitura dos passantes o manifesto indígena, passei a experimentar uma circularidade na ação, com dois principais eixos: com a cruz vermelha cerrando minha boca, ofereço à leitura dos passantes o meu próprio manifesto para, depois, retirando-a, dar início a uma sequência de cruces vermelhas no lençol branco de casal, cruces que ganham, em seguida, uma etiqueta contendo o nome de uma mulher, sua idade e profissão – quando possível – além da localidade, ano e modo (em geral bastante violento e cruel) com que foi assassinada, bem como a relação que o feminicida mantinha com ela (deste, só forneço idade e profissão).

Espaço do Silêncio é uma performance em processo constante de elaboração: muitos dos elementos citados foram incorporados ao longo do tempo – como é o caso das etiquetas – e outros vem sendo repensados, rearticulados, a partir do amadurecimento de minhas questões no contato com a rua e com transeuntes. É o caso do texto-manifesto, que

ganha contornos específicos¹³ em cada cidade na qual realizo a ação, bem como a definição de um programa performativo desafiante que parte de uma missão: fixar no lençol 365 lápides, uma para cada dia do ano em que mulheres são brutalmente exterminadas neste país. A noção de programa performativo eu busco de Eleonora Fabião (2013:04):

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política (...). Programas são iniciativas.

Assumir essa missão trouxe alterações significativas à performance. Anteriormente, eu mantinha um arquivo mais ou menos fixo de nomes a serem utilizados nas etiquetas (ainda que, com o passar do tempo, outros fossem acrescentados), pois, depois de cada realização, o lençol era desfeito para, tal qual Penélope, tecê-lo novamente. Com a decisão de colocar 365 lápides, a duração da ação saltou de quase duas horas para, no mínimo, 06 horas de trabalho extenuante, o que deu novo valor aos lençóis, frutos do meu labor. Decidi, então, mantê-los, fato que gerou a exigência de fazer, para cada realização da

¹³ O texto-manifesto tem uma estrutura fixa, mas altera-se de acordo com os contextos em que realizo a ação, bem como em relação ao contexto sócio-político brasileiro.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero¹⁴

ação, o levantamento de 365 novos¹⁴ nomes de mulheres – que são pesquisados, com as demais informações, em matérias de jornais diários e sites feministas.

Evidentemente, isso também alterou o ritmo de seu oferecimento, pois levo cerca de três meses – em meio a todas as atividades que exerço - para fazer tal levantamento. A pesquisa traz, ainda, uma proximidade com as histórias dos feminicídios, pois as recolho ainda vívidas. Muitas pessoas reconhecem nomes nos lençóis, lembram histórias repercutidas na mídia, se espantam com a crueldade dos crimes. Outras reconhecem, em seu próprio cotidiano, histórias semelhantes, vividas por parentes ou amigas. Algumas têm encontrado, em minha ação, um espaço de memória e (por que não?) de reparação do crime cometido contra seus entes queridos, crime que, muitas vezes, nem sequer é reconhecido como feminicídio, seja pela justiça ou pela mídia. Como lembra Judith Butler (2015: 66), “o luto público está inteiramente relacionado à indignação, e a indignação diante da injustiça, ou, na verdade, de uma perda irreparável” e aí reside, segundo ela, seu “enorme potencial político”.

¹⁴ Na verdade, acabam sendo um pouco menos, pois eu mantenho em torno de 15 nomes mais ou menos fixos, e que se relacionam tanto com nomes que me foram “dados” como de crimes que eu considero importantes de serem recordados (muitas vezes, porque seus autores não foram punidos), como é o caso da travesti Dandara que, brutalmente espancada em Fortaleza/CE, teve sua morte registrada em vídeo e divulgada em redes sociais.

Em 29 de julho de 2016, fui procurada via Messenger por Rosy Souza. Ela me disse que havia visto, em compartilhamentos do facebook, materiais sobre a performance. Nesses materiais, o nome de sua tia, Osailda, de 45 anos, assassinada por envenenamento pelo marido, em Dom Expedito Lopes, Piauí. Rosy me disse que ela havia visto o nome da tia e resolvido me procurar. Rosy quer justiça, ela luta para que o crime, ocorrido em fevereiro de 2015, seja julgado como tal e o feminicida – que permanece em liberdade – seja punido. Ela luta para que o crime não seja esquecido e para que a memória de sua tia não seja apagada.

Em 03 de setembro de 2016, fui novamente procurada via Messenger. Agora, por uma atriz e amiga que havia acompanhado, no final de 2015, a mesa de debates *Feminicídio: o corpo da artista e a fabricação do corpo feminino*, da qual participei na II Bienal Internacional de Teatro da USP. Na ocasião, mencionei *Espaço do Silêncio* e Vanessa, a minha amiga atriz, tendo vivido recentemente uma perda, lembrou-se de mim: no final de julho, Fernanda, a irmã de uma grande amiga dela, foi assassinada pelo ex-marido e o desejo de Vanessa era que eu fizesse minha ação também em memória dela.

Então, em 07 de setembro daquele ano, realizei na Praça 7 em Belo Horizonte,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

junto ao Grito dos Excluídos, a performance em memória de Fernanda. Nesse dia, durante a realização da ação, uma mulher quis falar comigo: Rita queria me dar o nome da irmã, para que ele também figurasse em meu lençol. A irmã, Maria do Carmo, foi assassinada pelo marido há mais de 30 anos e ele nunca foi sequer indiciado: o crime foi considerado suicídio, embora um laudo solicitado pela família tenha comprovado que ela foi morta com 02 tiros nas costas.

Em maio de 2017, minha instrutora de Pilates, ao saber que eu iria realizar a ação em Salvador, na programação do URBARTE – I Encontro de Arte, Cidade e Teatro, pediu que eu incluísse em meu lençol o nome de uma antiga professora dela, Catarina, que, dois meses antes, havia sido assassinada na capital baiana pelo marido, um subtenente da Polícia Militar, que além de matá-la, matou também o filho e, em seguida, se matou.

Em julho de 2017, em Salvador, realizei novamente *Espaço do Silêncio*. Desta vez, em Alagados, periferia da cidade. Ao final da ação, um homem trans, Dido, fez questão de, da cruz da minha boca, construir um espaço em meu lençol para figurar o nome de sua mãe, Maria da Conceição, que morreu vítima de um longo processo de depressão e auto-destruição, após ter sido sistematicamente espancada por todos os companheiros com quem viveu.

Esses recentes acontecimentos têm me mostrado que *Espaço do Silêncio* não é só um gesto meu de denúncia e indignação. É também espaço de memória para outras mulheres, um grito que ecoa, que repercute em outros corpos.

Para o pesquisador Clóvis Domingos dos Santos, em diálogo com Florez (2014, p. 13), *Espaço do Silêncio* se configura como uma “poética do luto”, em que é possível perceber a existência de três dinâmicas: “a apropriação do espaço urbano através da produção de um mecanismo crítico, a singularização das vítimas ao evocar suas memórias e finalmente, a representação do esquecimento e banalização da violência na sociedade contemporânea” (SANTOS, 2017: 166).

Ao oferecer minha *presença performática* aos passantes, como salienta Santos, busco me colocar no espaço público como artista e como cidadã que, “exposta, ao intervir nos espaços”, corre “o risco de transitar entre as pessoas, assumindo os imprevistos e as consequências de suas intervenções”, de modo que a performance acaba operando com uma “espécie de ‘dramaturgia’ ou partitura inicial aberta às modificações do trabalho *in situ*”¹⁵. Como afirma Santos, ações como essa são

¹⁵ CABALLERO, 2011, p. 77-78.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“liminares”, pois elas se localizam entre a criação artística e o gesto ético, construindo

uma zona onde a arte se vislumbra como transparência do real, como irrupção de um estado de coisas que revela o sinistro cotidiano e onde o obsceno funciona por transbordamento, pela incidência do real contextual – inclusive, a partir do não dito – na evocação de uma memória de violência (CABALLERO, 2011, p.111).

A dimensão liminar marca também a ação *Chorar os Filhos*, que estreei dentro da programação do Festival Internacional de Teatro Palco & Rua de BH, em setembro de 2018. Durante três tardes, me sentei em um banco da Praça Ruy Barbosa, no hipercentro da capital, para alinhar em vermelho retalhos de pano branco contendo falas e depoimentos de mães que perderam seus filhos e filhas em operações policiais – como a que matou Marcus Vinícius no Complexo da Maré, em junho deste ano – e que não tiveram resposta do Estado quanto ao extermínio de seus entes queridos ou à punição dos criminosos. No quarto dia, realizei uma conversa em que, a partir da exposição dos lençóis produzidos em *Espaço do Silêncio* e da mortalha-vestido, resultante de *Chorar os Filhos*, foi possível tocar em temas como ativismo, performance cidadã, genocídio da população negra, feminicídio e desdobramentos atuais do feminismo, dentre outros.

O mote inicial do programa performativo é a imagem da mãe do estudante da Maré, Bruna Silva, carregando nas mãos a blusa ensanguentada de seu uniforme, como uma Antígone que clama pelo direito de chorar seus mortos. “Meu filho morreu com sede” é uma das frases escritas em vermelho nos panos brancos que compõem a mortalha-vestido que teço durante a realização da ação.

Chorar os Filhos dá continuidade à pesquisa sobre “poéticas do luto”, que venho empreendendo nos últimos anos. Nessa ação, alinhavo dores ao costurar, durante horas e em espaços públicos, os tecidos brancos contendo as falas de mães que buscam justiça para os crimes cometidos pelo Estado. Ao tecer a mortalha, crio também um espaço para conversas com transeuntes que, atraídos pelas escritas, se detém para discutir os crimes ou relatar suas dores, pois, muitas vezes, são parentes de jovens assassinados em condições semelhantes às retratadas na performance.

Desse modo, apostando “na capacidade relacional e no efeito de convocação” da prática realizada na rua, penso que meu “propósito não é produzir objetos para serem contemplados, mas envolver pessoas, levando-as além da condição de espectadores”, de modo a sublinhar, como afirma Caballero (2011: 154), “a dupla relação – respondência e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

responsabilidade – que reside nos processos intersubjetivos”.

Embora o interesse não seja produzir “objetos para serem contemplados”, o fato é que a realização da ação culmina, atualmente, na produção de uma materialidade bastante interessante: os lençóis, no caso de *Espaço de Silêncio*, e a mortalha-vestido, no caso de *Chorar os Filhos*. Frutos das performances realizadas em Ouro Preto, Salvador, Florianópolis, Curitiba e Belo Horizonte, ambos os objetos carregam uma forte plasticidade, em que o “excesso” de cruces, em um, e os depoimentos das mães, no outro, demarcam a enormidade de carnificinas diárias, “não como ação de vitimização auto-contemplativa, mas como ação que torna visível as feridas sociais” (CABALLERO, 2011, p.104).

Assim, funcionando como pré-texto, a exposição da mortalha-vestido e dos lençóis demarca um espaço possível para a discussão de temas latentes a ambas as performances, no que diz respeito tanto aos procedimentos estéticos, quanto, fundamentalmente, no que concerne às questões ético-políticas que as práticas suscitam. Na esteira de Santos (2018: 173), podemos pensar esses objetos como “mantos-corpos” ou como “corpos-poemas”:

oriundos de cenários de subjugação extrema, são o testemunho de vidas obstinadas, vulneráveis, esmagadas, donas e não donas de si próprias,

despojadas, enfurecidas e perspicazes. Como uma rede de comoções transitivas, os poemas – na sua criação e na sua disseminação – são atos críticos de resistência, interpretações insurgentes, atos incendiários que, de algum modo e incredivelmente, vivem através da violência à qual se opõem, mesmo que ainda não saibamos em que circunstâncias essas vidas sobreviverão (BUTLER, 2015, p.96-97).

Desse modo, realizar performances nas ruas das cidades tem possibilitado a mim realizar conversas, seja diretamente, nas interpelações que a prática suscita, seja nos desdobramentos possíveis que a ação gera.

Referências

- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. IN: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000.
- CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários Liminares: teatralidades, performances e política**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CAETANO, Nina. **Corpos Estranhos, Espaços de Resistência**. Revista Marimbondo (Teatro). Belo Horizonte: Canal C, 2015.
- CAETANO, Nina. **Tecido de vozes: texturas polifônicas na cena contemporânea mineira**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: USP, 2011.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento**

feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero: Niterói, v. 5, n. 2, pp. 9-35, 2005.

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: O Corpo-Em-Experiência.** In: Ilinx – Revista do Lume: Campinas, n. 4, 2013.

FISCHER, Stela Regina. **Mulheres, Performance e Ativismo: a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: USP, 2017.

NANCY, Jean-Luc. **À escuta** (parte I). Outra travessia: revista de literatura do PPGL-UFSC, n. 15, pp. 157-172, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala.** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SANTOS, Clóvis Domingos. **Rua dos Encontros: liminaridade, memória, festa e insurgência nas ações do agrupamento obsCENA (Belo Horizonte).** Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Artes. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

www.agenciapatriciagalvao.org.br

www.escrevalolaescreva.blogspot.com

www.ninfeias-feministas.blogspot.com

www.obs scenica.blogspot.com

<https://machismomata.wordpress.com/>

<http://femicidiodiario.tumblr.com/>